

DE

defesa de ESPINHO

DIRECTOR: AMADEU MORAIS — 4-6-76 — SEMANÁRIO — N.º 2304 — ANO 45 — PREÇO: 3\$00

LER, INTERPRETAR, SENTIR...

Tem sido preocupação nossa chamar a atenção dos leitores para problemas que interessam à colectividade em que se integram.

Não temos, nunca tivemos, o propósito de gastar tempo com banalidades, nem podemos perder-nos na futilidade do assunto.

Deixamos aos progressistas de ocasião o incitamento à luta de classes. Vivendo, como toda a gente, o desenvolvimento do processo, estamos muito longe de aplaudir os caminhos que têm sido seguidos,

Por AMADEU MORAIS

bem ou mal intencionadamente orientados e manipulados, e só reaceamos que a grande maioria dos trabalhadores deste Santo País, venha a sofrer na carne, sua e dos seus, os erros monstruosos que têm sido cometidos.

Encaramos a colectividade como um todo, que deve unir-se na defesa dos seus interesses comuns, sem ódios, de mãos dadas. E por isso nos temos debruçado sobre assuntos que interessam a todos, pobres e ricos, capitalistas (?) e proletários materiais ou intelectuais, como nos consideramos.

Os leitores acompanham o nosso esforço, mas mostram-se impotentes para apanhar nas mãos os problemas suscitados, passando a chamar-lhes seus, a debatê-los e a procurar ajudar a resolvê-los.

E o pior é que o panorama que salientamos se passa com todas as questões úteis à colectividade em geral, sejam elas, salientadas ou não, de que natureza forem.

Perante tal apatia, perguntamos onde estão os socialistas e os ditos sociais democratas do nosso concelho que em número e em votos atingem a quase totalidade dos eleitores, mas que não praticam o comunitarismo de base essencial à definição objectiva do sentido dos seus votos.

Como seria eloquente que cada um, na prática, unido aos demais, com iguais ideias ou princípios, começasse por realizar na sua terra o esforço que repousadamente espera que venha de Lisboa, dos homens que hão-de dirigir este País durante os próximos quatro anos: esforço de arrumação, de disciplina, de autoridade, de ordem, de iniciativas válidas, capazes de nos fazer erguer a cabeça e caminhar em frente.

Onde estão as Comissões de Moradores capazes de apontar à Câmara Municipal as suas ideias e os seus anseios, de lhe pedir as explicações necessárias e de lhe dar o seu apoio em todos os esforços válidos? Onde está a união das bases partidárias, capaz de exprimir o sentido das directrizes futuras a seguir quanto aos problemas de Espinho, que muitos são e sérios?

Levantamos recentemente duas questões que julgamos essenciais para o futuro de Espinho: a do Hospital e a das saídas da Cidade para norte e para sul.

A primeira aguarda o andamento normal e não tolera a indiferença de quem se disser interessado pela sua terra.

A segunda mereceu, como a primeira, a atenção da Comissão Administrativa da Câmara, mas parece ter ficado por aí, e pelas iniciativas dela.

Publicamos hoje uma gravura que nos dá a perspectiva da solução que defendemos a esse respeito.

(Continua na pág. 12)

NOVOS ASSINANTES

«DEFESA DE ESPINHO» iniciou uma vasta campanha de novos Assinantes passando a enviar exemplares do Jornal a residentes do concelho que não o recebiam.

O novo Leitor receberá, assim, gratuitamente, três exemplares seguidos, e não os devolvendo, de imediato, passará a ser considerado assinante.

Esperamos, deste modo, que os novos Leitores passem a considerar «DE» o seu Jornal.

Semanalmente, mencionaremos a relação dos novos assinantes obtidos nesta campanha.

QUE CRIANÇA É QUE FESTA?

Porque é que há um dia mundial da criança?

Em que país, em que data, em que dias vivem as crianças?

Tão necessário se torna celebrar num dia, todos os dias do ano! Dia Mundial da Paz, Dia da Caridade...

Que manta de retalhos — dentro do tempo e do espaço o homem partido em pedaços: homem - mulher; homem - criança; homem - consciência; homem - economia... O homem total, o Homem, esse anda esquecido, alienado, enganado...

E os outros dias são da criança? Empurrada, esmagada, arrumada, tudo passa à frente dela: a política, o trabalho, a economia, o divertimento, o cansaço mesmo.

Ela não se queixa... É tão pequena, tão pouca coisa na Sociedade. Importante! Qualquer ama, qualquer infante, qualquer «qualquer» ser-

ve... O que é preciso sobretudo é que não embarace, não perturbe, não pese, não aborreça, e... saia barata.

Para que meninos é o dia mundial da criança?

Para os meninos que vão ao teatro durante o ano? Para os que têm e vêem fantoches nos colégios e Jar-

mais felicidade, mais meninos-homens?

Esses adultos acreditam que um dia no meio dos outros dias resolve problemas de fome, de frio, de falta de amor?

O que pretendem os adultos? Paz de consciência? E os outros adultos,

Neste Número:

A FEIRA — SUPLEMENTO

ESPINHO E A COSTA

VERDE... (Última página)



disn de infância? Para os que saem aos domingos de manhã com os Pais, ao cinema?

É para os meninos que têm um lugar ao sol no mundo inteiro, esses poucos meninos no mundo inteiro, que se festeja o Dia Mundial da Criança?

O que é que os adultos que «impõem» esse dia querem finalmente para a criança? Mais amor, mais paz,

os que não promovem, não animam, os que olham pacificamente e pacificamente alinham?

O que fica nos meninos após o dia mundial da criança? Quem lhes pergunta? Quem se detém a perguntar? Quem perde tempo a perguntar? Com a consciência tranquila dorme-se um ano de paz.

(Continuação da pág. 4)

DE NOVO: A CARREIRA DE TIRO

A notícia, altamente alarmante, de que se teriam «perdido» sem reben-tar 6 granadas nos terrenos anexos à Carreira de Tiro de Silvalde, por ocasião dum exercício ali efectuado há dias, volta a alertar-nos para o grave problema da situação da Carreira no lugar onde se encontra.

Já outras vezes fizeram ouvir oportunos reparos e nós próprio, a propósito das praias, ainda há pouco tocamos no assunto.

Também imaginamos como são complicadas as estruturas militares e como demoram tempos perdidos a modificar-se; mas o que sabemos de ciência certa é que as condições actuais do País têm de ser de paz e não de guerra, e que não se justifica que se continue com gastos enormes a pôr em perigo a vida e a tranquilidade de milhares de pessoas.

Com todo o respeito pelas Autoridades Militares, aqui deixamos o nosso veemente protesto: não há o

direito de se perder granadas que matam, para mais num local onde passam centenas de pessoas, mormente crianças que pegam em tudo o que encontram.

Tem de ser encontrada solução para tão gravoso problema, e no mais curto prazo.

(Bom: nem sequer queríamos sonhar que teriam sido desviadas as tais granadas por «boas mãos» para fins inconfessáveis...)

Manel

CORFI

Duas Organizações
o mesmo Prestígio!

COTESI

Fábrica de Artigos
de
Celuloide e Plásticos



LUSO-CELULOIDE

DE

HENRIQUE & IRMÃO, L.^{DA}



APARTADO 22 — TELEFONE, 922193

ESPINHO

Restaurante-Bar da Piscina

ALMOÇOS — JANTARES

SERVIÇOS À LISTA

Especialidade em frango à Lokinhas
Preços especiais para Banquetes com todas as garantias

Dirigido por ARMINDO AZEVEDO

TELEFONE, 920153 — ESPINHO

PERDEU-SE

ANEL

De muita estimação. Pede-se a quem o encontrou, o favor de o entregar na Rua 19, n.º 390 ESPINHO

PICHELEIRO

Encarrego-me de todo o serviço de Picheleiro e Canalizador com a máxima perfeição e rapidez. Serviço ao domicílio.

MÁRIO DA SILVA ESTEVES

Telef. 920415 p. f., ou dirigir-se à antiga casa «Zé de Gaia», na Rua 33

ALUGA-SE

Armazem, na Rua 22, N.º 1200 ESPINHO

ATENÇÃO

Aproveitem os Feriados

EXCURSÕES A ESPANHA

Tuy e Vigo — 10 de Junho
Visitando: Vigo, Monte de El Castro e Monte S.ª da Guia; Tuy, Feira.
Preço: Transporte — 170\$00

Coruña e Santiago de Compostela (Ano Santo) — 16 e 17 de Junho
Visitando: Coruña — visita à cidade; Excursão facultativa a El Ferraz; Santiago de Compostela — visita à Catedral; Tuy — Compras
Preço: Transporte — 315\$00
Tudo incluído — 915\$00

Nota — Dias 10 e 17 de Junho: Feriados Nacionais
Dia 16 de Junho: Feriado Municipal de Espinho

Inscreva-se já:

PRAIA DO SOL — VIAGENS

Rua 16 — Mercado Municipal
Telef. 920688 — Espinho

Boutique JENNY

LINHA JOVEM

Artigos Nacionais e Estrangeiros

Rua 19 n.º 343-E ESPINHO

LUTA CONTRA A CÓLERA

Com a aproximação da estação quente, corre-se o perigo de nova epidemia de cólera, conforme sucedeu nos anos anteriores, 1974 e 1975. Como infelizmente, ainda existem carências graves no domínio do saneamento básico ambiental, devem-se tomar medidas higiénicas individuais muito rigorosas.

CUIDADOS CONTRA A CÓLERA

Se todos nós tivermos em atenção estes cuidados higiénicos poderemos evitar uma epidemia de cólera de consequências imprevisíveis. Encontra-se em distribuição gratuita no Centro de Saúde (Rua 20, n.º 608) e na sede das Freguesias desinfectante de água para toda a população. Lutar contra a cólera, doença de países atrasados, é uma obrigação de todos nós.

- 1 — Lavagem cuidadosa das mãos com água e sabão antes de cada refeição e depois de utilizar as instalações sanitárias.
- 2 — No caso de não existirem instalações sanitárias ligadas à rede de esgotos, promover a desinfecção diária e das fezes com creolina ou cal viva.
- 3 — Utilizar como água de alimentação e preparação de alimentos somente aquela que ofereça garantias absolutas de potabilidade. Na falta de rede pública de distribuição de água, deve ferver-se esta previamente ou desinfectar.
- 4 — A água para fins domésticos (lavagem de utensílios de cozinha, de roupa, etc.) deve igualmente ser potável. Na sua falta, empregá-la depois de fervida ou de desinfectada.
- 5 — Manter os alimentos, depois de cozinhados, bem resguardados de poeiras e de moscas.
- 6 — O leite não pasteurizado deve ser fervido.
- 7 — Evitar o consumo de gelo, gelados, bolos com creme, «maionese», etc., particularmente em dias quentes, desde que não provenham de instalações industriais oficialmente reconhecidas.
- 8 — Evitar tomar banhos em rios ou praias situadas nas proximidades de esgotos ou em piscinas que não tenham renovação e desinfecção da água.
- 9 — Evitar o consumo de frutas, vegetais e outros alimentos que habitualmente são ingeridos crus. Mariscos, caracóis e hortaliças devem ser muito bem cozidos.
- 10 — Não utilizar as águas sujas, de fossas ou da rede de esgotos na rega de hortas.
- 11 — Se não houver recolha de lixo, este deve ser enterrado ou queimado.
- 12 — Não devem ser utilizados lavadouros públicos servidos por água de ribeiros considerados suspeitos.
- 13 — Deve sempre consultar-se um médico em todos os casos de diarreia em especial acompanhada de grande cansaço e vômitos.

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 h. — 14,30 às 19 h.

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

DE

Suplemento

A FEIRA

A FEIRA DE ESPINHO

«Defesa de Espinho» dedica o seu número de hoje à nossa feira semanal.

Fá-lo, por considerar de todo o interesse registar neste momento o que significa para Espinho a sua feira, para deixar aos vindouros o testemunho das realidades presentes e para homenagear um dos sectores de indiscutível valor na economia espinhense.

Não dispomos de elementos seguros para afirmar quando se iniciou em Espinho a sua feira.

Povoação com 200 fogos e cerca de 600 habitantes, Espinho, por

Por AMADEU MORAIS

volta de 1873, simples lugar da freguesia de Anta, via quintuplicada a sua população nos meses de veraneio.

Nascida do trabalho da pesca, Espinho cresceu e desenvolveu-se à custa do turismo, pelas apregoadas e reconhecidas qualidades da sua praia.

Os lavradores vizinhos, que diariamente vinham acudir aos pescadores, vendendo-lhes os seus artigos, começaram a sentir a necessidade de aumentar o abastecimento no verão, criando a feira, que começou por ser quinzenal, tendo lugar nos dias 1 e 16 de cada mês.

Em começos de 1887, uma Comissão de Espinhenses comprou por 1.200.000 reis o terreno. A cotização para tal fim levada a cabo rendeu 1.411.000 reis, pelo que a quantia sobrança — 211.000 reis — foi pela Comissão entregue à Câmara da Feira, com vista à sua aplicação em um jardim, o que não foi concretizado.

Instalou-se a feira no chamado Largo da Feira Velha, situado a poente do local onde veio a estabelecer-se o mercado diário. Considerando que o primeiro mercado diário se estendia no sentido poente-nascente, em amplo e bonito recinto, vedado com gradeamento, até à Rua do Cruzeiro, actual Rua 2, entre as Ruas 21 e 23, não será exagerado dizer-se que a feira velha funcionou a mais de 100 metros a poente da actual esplanado da beira-mar.

Com as invasões do mar o local desapareceu e a feira deambulou, vindo a fixar-se no sentido poente-nascente — em diagonal — no lado norte do actual parque da cidade.

Mais tarde, foi transferida para nascente da rua 24, entre as Ruas 24, 19, 26 e 23.

Não se sabe quando a feira passou a ser quinzenal, nem ao certo quando mudou — a mudança deu-se antes de 1901 — embora se nos afigure que a determinação exacta destas datas não será difícil quando alguém se lançar a sério nesse trabalho de investigação.

Na «Gazeta de Espinho», n.º 1, de 6 de Janeiro de 1901, pode ler-se:

«No dia 1 de Janeiro, como de costume, realizou-se a feira quinzenal. Houve numerosas transacções e a crescente animação que ulti-

(Continua na pág. seguinte)



«A velha e a louça de barro» podia ser o título desta magnífica fotografia de Carlos Cruz, feita já há mais de três dezenas de anos onde a arte e a sobrevivência estão perpetuadas

Origem da «Feira Semanal»

RETROSPECTIVA

Por J. TATO

Espinho, quando deixou de ser simples aglomerado, em feição de «Comuna» por promoção a Freguesia, viu-se livre, em parte, de ser fornecida por vendedores ambulantes, que então percorriam as ruas, batendo às portas, oferecendo variadíssimos artigos, conduzidos nas suas típicas tendas, em tabuleiros e açafates, que tornavam imprescindíveis à sua vivência. E diga-se que, este quase empírico género de negócio era então rendoso!

Assim, a Terra Nova, devido ao seu rápido desenvolvimento — que florescia como flor em jardim de boa seiva — teve, bem merecimento, o seu «Mercado» diário, na rua, tipo feira, que se presume ter sido inaugurado muito para além dos cem anos, pois não há indícios de data certa. Mas

este género de «Praça» como então se começou a chamar, não satisfiz por muito tempo os anseios duma terra que corria veloz nas asas do progresso. Para mais, tinha começado a ser frequentada como praia de banhos, e sob certos aspectos, como melhoramento funcional, embora muito útil, já não correspondia!

As autoridades responsáveis — então da Vila da Feira — assim o compreenderam e a nova Praça surgiu, de pedra e cal, de bonita traça, com todos os requisitos inerentes à sua missão funcional: lojas para talhos e para diversos géneros de artigos necessariamente abrigados, etc. Possuía uma área ao ar livre, de alguns milhares de metros, onde um pequeno mundo de vendedores expunha a sua mercaderia! Contudo, em dias de maior movimento, o referido recinto transbordava, e a rua começava a ser mercado! Este grande melhoramento, que se situava na rua do Cruzeiro — hoje Avenida marginal — tornou-se inegavelmente a «Bolsa» de comércio de Espinho, pois gravitando na sua órbita, surgiram estabelecimen-

tos de todo o género: mercearias, padarias, docerias, casas de pasto (comidas) como então se denominavam; lojas de fazendas e modas, sapatarías, etc., etc.

Recordo a existência de diversos carrinhos, com montras envidraçadas, que vendiam uma larga gama de artigos (miudezas): botões, nistros, meias, lenços, espelhos, sabonetes... Dois destes carrinhos ficaram-me na retina, não mais os esqueci: o da Senhora Angélica e o do Senhor Baião, nomes que sobreviveram até os nossos dias, que, mercê de muito trabalho e mais querer, se implantaram com estabelecimentos na rua 19! Mas a Senhora Angélica e seu marido, não se limitavam tão sómente ao negócio do carrinho, montaram na rua, hoje 21, um pequeno, mas elegante «Bazar», então já com artigos de maior incidência comercial.

Ora depois de ter sido construída a nova Praça, o povo, quando se referia à primeira, pronunciava sempre, «Praça Velha» e assim continuou a

(Continua na pág. seguinte)



A Feira dos anos vinte. As árvores de pouca idade ocupam os canteiros das vendas. O local contíguo hoje Parque João de Deus, é um descampado que tinha sido o primeiro campo de futebol do S. C. de Espinho.



O peixe tem zona própria para exposição e venda. Bancas de cimento e coberturas metálicas fixas. O piso também é todo cimentado o que permite lavagens à mangueira. Mas falta a presença semanal do médico veterinário, obrigação que parece nunca ter sido cumprida... O peixe, exibindo o resto dum braço procura cativar os sentimentos altruísticos da vendedeira.

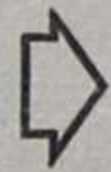


No parque automóvel em primeiro plano vai ser erguido um complexo que engloba Escolas Primárias com Cantina, Piscina coberta e Recintos Desportivos polivalentes.



Pela tarde fora vai crescendo a multidão que não deixa de aproveitar para passear a curiosidade.

Já raramente se vê a caixa da gibóia para prender a atenção dos passantes. Este vendedor não hesitou em fazer propaganda dos seus artigos vendendo um «soutiens».



Os leitões e os suínos são um «artigo» que se merca desde os inícios da feira, há mais de 8 décadas.

RETROSPECTIVA

(Continuação da pág. anterior)

ser, até ao desaparecimento dessa geração, e até nós — valha-nos isso — têm chegado ecos da sua existência, como acontecimento local, que faz e muito b.m. parte da nossa história. Foi pois a «Praça Velha», tipo feira, que «procurziu» a actual e maravilhosa Feira, tão rica de negócios e estuante de alegria, pelo colorido dos seus inúmeros aspectos, nuances de luz e sombras, de fama como a melhor, que tanto nos envida! Foi esta Feira, — que em outro lugar se fará referência a muitas outras coisas a ela ligadas — que mantenho na minha retina, na idade de menino e moço, os seus primeiros passos, já muito vigoroso, a prometer largo futuro.

Vamos pois descrevê-la, embora sucintamente: O grande terreno, onde em parte se encastrava, circunscrevia-se entre as ruas 26, 20, 19 e 23. A sua disposição era nascente-poente e só se realizava nos dias 1 e 15 de cada mês. Ocupava metade da área descrita, ou seja: desde o actual Campo de Turismo até à rua 20, então, Augusto Gomes, e toda a largura das artérias já mencionadas. Ao centro, uma larga rua demarcada, destinava ao movimento do público, com os vendedores colocados nas suas margens, virados para dentro. Nos espaços laterais vendiam-se porcos para criação e nas épocas próprias os que se destinavam a matanças, incluindo os vermelhos criados no Alentejo, que para aqui vinham em varas! Também já apareciam várias tendas com toldos, e montes de utensílios de toca a espécie.

Creio que foi em 1914 que a Feira mudou par acima, — para dar lugar ao Campo de Futebol — e por isso tomou cutra com iguaração. Ainda não tinha sido construída a variante da linha férrea, nem a Avenida 24. Neste grande espaço, efectuaram-se algumas vezes, Concursos Hípicos. Uma vez o campo de futebol retirado, nasceu o actual «Parque João de Deus» que muito enfeitou o local. Também, a certa altura, se ensaiou uma Feira de gado bovino, embora de pouca duração, que não correspondeu ao fim em vista. E diga-se em boa verdade, que até foi bom, dado que naquela altura ainda não havia saneamento e já possuíamos mosquitos e similares para nos arrelhiar!

J. TATO



A FEIRA DE ESPINHO

(Continuação da pág. anterior)

mamente tem atingido este mercado, deu naquele dia aos espinhenses divertimento apreciável, pela concorrência extraordinária da rapaziada das freguesias vizinhas.

A feira nova, como caracteristicamente a denominam os nossos vizinhos da beira-mar, é hoje a mais importante do seu genero, das que se realizam por estes arredores.»

Pois essa feira, que se iniciou para venda de frutas, legumes e pouco mais e para acudir primeiro aos veraneantes e, depois, ao aumento sempre crescente da população, essa feira que, a partir de certa altura, passou a semanal, é hoje, sem margem para duvidas, a mais importante do seu genero que se realiza no País.

Ali se vende de tudo, desde os legumes, frutas, sementes e alfaias agrícolas, ao peixe, à carne, aos suínos e leitões, às plantas, aos artigos de cerâmica, à bijouteria, joalheria e ourivesaria, às mais diversas qualidades de pão e doce, às fazendas e tapeçarias, aos artigos de utilidade doméstica, aos livros, ao calçado, às roupas confeccionadas para homem e senhora.

E tal como em 1901, para além dos vendedores e compradores interessados, sempre na ordem dos milhares, a feira constitui ponto de inextinguível atracção e reunião para a juventude que lhe imprime a graça, a irrequietude, a alegria da sua presença.

Duas tentativas feitas para tornar a feira uma feira também de gado não venceram, porque, segundo se dizia, o gado perdia qualidades pela sua permanencia em contacto com o ar do mar.

O certo é que a feira nunca deixou de crescer, passou a estender-se pelos terrenos pertencentes à C. P. e graças à actuação do vereador da Câmara da então, Domingos Soares Pereira, que a feira deu o melhor do seu esforço e da sua dedicação, a feira estende-se hoje ordenadamente, por sectores, ocupando todo o velho recinto e todos os terrenos pertencentes à C. P., desde a Rua 19 até ao Hospital, ocupando mais de 35.000 metros quadrados e rendendo à Câmara Municipal cerca de 3 mil contos anuais.

Se se pensar em que o preço de cada lugar é o mesmo desde há muitos anos e baratissimo, e que a despesa feita com o arranjo de todo o recinto bem justifica a elevação desta taxa, se se considerar que é muito difícil, senão impossível, com o actual processo de cobrança, ter a certeza de que todos os feirantes pagam a taxa exigível, tem-se ideia da fonte que a feira significa para a Câmara Municipal e de como a Câmara não pode prescindir dela.

O dia da feira — Segunda-feira — é sempre em Espinho um dia de festa. E o comércio fixo local beneficia largamente do afluxo de compradores a Espinho, porque há sempre grande quantidade de pessoas que não quere comprar na feira determinados artigos e que aproveita o dia da feira, de deslocação quase obrigatória, para fazer nos estabelecimentos o seu abastecimento semanal ou ocasional.

Fonte de comodidade para o consumidor, que na feira encontra tudo aquilo de que precisa a preço vantajoso, a Feira de Espinho constitui hoje apreciável fonte de riqueza para quem trabalha e cartaz turístico que se não pode minimizar.

E em períodos de crise de certos géneros, é ainda na feira que eles podem ser encontrados, graças ao esforço empregado por cada feirante, para servir a sua antiga e estimada clientela.

Autêntica romaria de pessoas e coisas, de ditos e atitudes, de trabalho e alegria, a Feira de Espinho é e será, se a cuidarem, o grande cartaz de propaganda da nossa terra.

AMADEU MORAIS



Para o sul, onde as árvores ainda são novinhas, os toldos multicolores abrigam as vendas



A «Boutique Cigana» é uma atracção recente que mais freguesia atrai pelas pechinchas que vende.

QUEM VAI À FEIRA?

EM DEFESA DO TRABALHADOR DA TERRA...

Poderíamos conjugar todos os «tempo e pessoas» do verbo.

Na realidade, a Feira de Espinho é um caso muito sério de popularidade e frequência obrigatória para milhares de pessoas.

Desde muito novo nos trouxeram à feira...

E se bem que ansiássemos pela saída de casa (que grande passeio), logo a coisa mudava — se mudava... — com o palmilhar a pé uns quilómetros que nunca mais acabavam... E ainda por cima ter de correr a feira inteira, para comprar dois metros de riscado e cinco tostões de tremoços!

E assim fomos acompanhando o crescer da feira, que veio por aí tora sem pedir licença e já rebenta pelas costuras por falta de espaço.

Mas, afinal, quem vai à feira de Espinho?

Evidentemente (que descoberta!), vai quem precisa de comprar e quem tem algo para vender...

E vai, também, quem tem o vício de ir à feira, sem intenção especial, mas que acaba por comprar uma regueifa ou uma bugiganga qualquer.

E (pois) vão eles também às tripas e desenterrujam a língua com os amigos, enquanto elas equilibram e desequilibram o orçamento familiar!

A feira tem um aspecto profundamente humano, pessoal e original, que, para nós, sobreleva em interesse outros aspectos como o vulgar negócio igual ao dos estabelecimentos, a confluência turística, etc.

E ali, na feira, que as lavradiras da região expõem, com orgulho, o fruto do seu trabalho: as hortaliças frescas, as batatas, o feijão, frutas, ovos, aves e por aí adiante.

E ali, na feira, que se defrontam duas mentalidades que, queiramos ou não, estão em choque, e estarão, enquanto a voz gritante de reivindicações só amedrontar e colher resultados chorudos no mundo industrial e na transferência de latifundiários:

É a mentalidade de quem amargura dias sem horário de trabalho — 14 e mais horas de espinha derriada, faça o tempo que fizer — de quem não tem fins de semana, nem mês de férias, nem subsídios, nem «meses» a mais, nem praticamente coisa nenhuma a não ser a força dos braços, o amor à terra, a confiança de que ela crie e... a incerteza escura do dia de amanhã em que, depois de tanto trabalho, há-de viver dos 500 da Casa do Povo ou numa esmola muito esmiada dum filho ou da sociedade...

A outra mentalidade, todos sabemos... (vá não nos venham com histórias de pobrezinhos, coitados, porque aos verdadeiros pobres uma lavradeira que se preza não vende, DÁ...) essoutra mentalidade é a de muito refinado proletário(a) que tem ao fim do mês 15, 20, 30 contos de

salários familiares, que «produz imenso» — 36, 40 horas semanais, metade das quais, pelo menos, produzindo conversa, idas ao W.C., plenários, etc., etc., — que tem o sábado e domingo para a sorna, que não dispensa o cinema (porno) várias vezes na semana, que veste do bom, e quer comer do melhor... de graça!

SE exageramos a «pintura», desmintam-nos... e apanharão pela testa uma carga de casos concretos, que nem queiram, saber em que estado vai ficar tanta baboseira revolucionária, ou melhor, parasitária...

Ataquem a burguesia! Ataquem-se a vós mesmos, quando insultam as lavradeiras que não querem mais que a justa paga do seu suor, e sabem muito bem aquilo que vendem: que não é mixórdia em 5.ª mão, mas foi plantado por suas mãos, posto pelas suas galinhas, criado no seu quinteiro!

Sabe muito bem o comprador(a), proletário(a) de muitos contos, distinguir uma franga de casa e de aviário: basta soprar as penas e ver a pele amarelinha... e sabe que é melhor a de casa: pois que a pague pelo seu valor. Demorou muito tempo à lavradeira criar a ninhada... e foram os bichos que levaram alguns pintos... mais os que morrem como calha... e o tratado lento e saudável.

Sabe o comprador proletário(a) bem tratado apreciar uns ovos frescos e hortaliças de confiança: pois que coma as tabelas dos Ministérios (estas são necessárias, sim, para travar a gula dos exploradores intermediários), que a mais elementar justiça social manda que os trabalhadores da terra não sejam os eternos desgraçados a alimentar de borla os outros.

E é puramente no plano da justiça social que queremos bater-nos; não nos passa pela cabeça, sequer,

rebater as chamadas justas conquistas da classe operária, nem aplaudir a alta assustadora do custo de vida; o que pretendemos é bem diferente: é que os trabalhadores do campo — os que trazem à feira os seus produtos e outros por esse País fora — (nada de confusões com os «funcionários de estado dos ex-latifúndios») tenham um mínimo de recompensa do seu labor insano, já que horários de trabalho e o resto nem se sonha, e não fiquem eternamente com as lindezas poéticas dos *ares saudáveis* e *mesa farta* e com as misantropias pseudo-procamponeses dos fala-barratos «comiceiros»...

Aliás, essa fábula e respectivos complexos estão mais que na decadência: morreram, sem saudades!

As mãos calejadas, de unhas sem verniz, do trabalhador da terra não se erguem facilmente com punhos fechados: mas sempre abertas para a enxada e para a foice — que outros usam no distintivo mas não sabem manejar, nem rudimentarmente — e também abertas para abraçar o amigo e para «dar um par delas» em quem o espezinhar...

E já muitos o mereceram... «sans rancune»!

Complexo de inferioridade do trabalhador da terra perante a nova burguesia proletária? Nunca!

Solidariedade plena, em termos de igualdade e justiça, entre irmãos trabalhadores. Está na hora!

Ah!, é verdade, quando isso acontecer, a feira fica diferente: nem exploradores nem explorados, nem desconfiança nem atritos, mas permuta honesta dos bens próprios de cada um.

Manel

P. S. Fique bem claro que não nos referimos, nem o pretendemos, aos negociantes profissionais que têm outro conceito da feira que sai do âmbito da nossa apreciação nesta crónica.

M.

Falam os mais antigos

«DE» recolheu depoimentos de naturais de Espinho que mais podiam contribuir para dar a conhecer pormenores do passado do que hoje é a Feira semanal mais importante do País.

Na sua residência ouvimos a Sr.ª D. Ana Maria Gerónimo (Xabregas), retintamente vareira e que deve ser a pessoa mais idosa aqui nascida, pois já completou 91 anos. Atendeu-nos em sua casa deixando transparecer um feliz contentamento em recordar o seu Espinho antigo denotando uma perfeita lembrança dos outros tempos. Começou por nos dizer, quando lhe perguntamos se se lembrava da primeira praça de Espinho:

— Existia numa Rua e já tinha

muitos anos segundo diziam os mais velhos. Quando se fez a praça diminuiu bastante a venda pelas portas. A nova Praça era muito bonita e tinha frente para duas Ruas e tinha lojas para diversos negócios. Aos domingos e dias mais destacados não

Reportagem - Entrevista de J. TATO

comportava todos os vendedores e eles então concentravam-se na Rua do Cruzeiro, que era na altura a de maior comércio.

«DE» — E lembra-se do ano em que se começou a realizar a Feira?

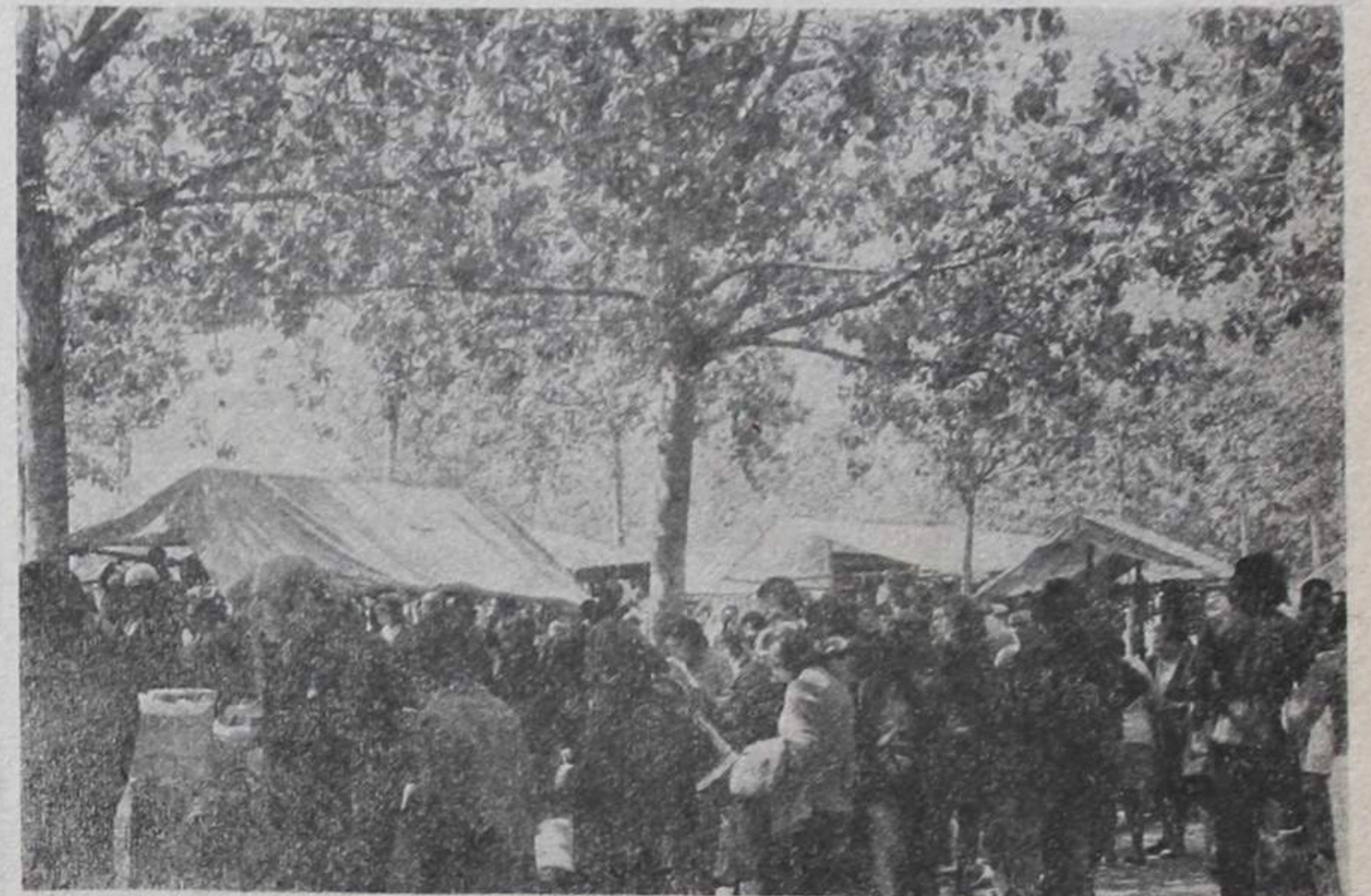
D. Ana Xabregas — Para datas sou muito fraca. Recordo-me que era ainda pequena e que só os lavradores dos arredores vinham vender os produtos que cultivavam e pouco mais.

Fomos ouvir também o José Martins, da Casa Angélica, que nos disse:

— Os meus pais vieram para Espinho de S. Pedro de M. relim, perto de Braga, em 1904, tinha eu 8 anos. Começaram a vender miudezas num carrinho envidraçado, como era uso na ssa altura. O sítio preferido para a venda era à porta da Praça. Depois montaram um bazar na Rua Formosa, hoje Rua 21. Quando a Praça foi destruída pelo mar, alguns comerciantes foram instalar-se, provisoriamente, no Adro da Capela de Santa Maria Maior e meus pais também. Mas pouco tempo depois foram para a Rua Bandeira Celho, hoje Rua 19, onde montaram um estabelecimento junto ao Baião e só em 1920 abrimos a actual «Casa Angélica», que era o nome da minha mãe. A Feira, segundo diziam os meus pais, já se realiza há muito tempo e era quinzenal. Ai se vendiam géneros alimentícios e grande variedade de artigos utilitários.



Carnes verdes penduradas às moscas e às poeiras. Embora proibida essa venda, as autoridades fecham os olhos.



A feira é o mercado promotor dos modernos super-mercados. Da apreciação das mercadorias expostas surge a tentação da compra.



Onde a folhagem é mais rara ou inexistente os toldes proporcionam a sombra em dias de soalheira ou abrigo das chuvas em dias de intempérie.



A variedade e frescura dos legumes que, em todas as feiras, fazem parte das compras obrigatórias das donas de casa.



Os combóios trazem a Espinho, nos dias de Feira, milhares de pessoas. No entanto a criação, nos últimos anos, de carreiras de camionagem possibilitou o transporte a muitos milhares que, ainda há meia dúzia de anos, só a pé podiam cá vir.

AS ALTERAÇÕES MAIS ACTUAIS

A feira manteve-se umas dezenas de anos nos dois quarteirões compreendidos entre as Ruas 19-23 e 24-26. Nas imediações destes quarteirões começaram a instalar-se negócios de cames e bebés que por altura dos anos 40 eram exclusivo do Manuel da Feira na Rua 26 e do Zé da Feira na Rua 19 e pagado à Escola Primária. Hoje existem mais de uma dúzia de Casas de Pasto e cinco Cafés e dois Restaurantes.

O alargamento da Feira para o sul começou a processar-se depois de 1960 e por força da afluência de feirantes se processa em ritmo avassalador.

Este prolongamento exigiu uma aplicação notável de verba na preparação do terreno pois toda a faixa ocupada a sul da Rua 23 era local preferido para jogos de futebol da rapaziada, conhecida pelo «Poço dos Pludus» pois aí existia um poço de água de diâmetro superior a 10 metros, mandado fazer pela Companhia dos Caminhos de Ferro quando da intenção de mudar a linha do comboio para aquele local em 1910. Mas este tímido investimento, feito só entre as Ruas 23 e 27, pretendia isolar a venda de porcos e a do peixe que não tinham muitas possibilidades de encaixe na Feira própria. Mas o afluxo de feirantes ditou a necessidade de continuar a anexar os terrenos que estavam para o sul. E o tímido investimento foi afinal o arranque para o que é hoje a maior Feira semanal do País.

A Feira rende presentemente cerca de 55 contos por semana contra 25 que rendia em princípios de 1974. E no entanto o aluguer do metro linear de frente e cerca de dois de fundo é o mesmo que em 1970: Em terreno 12\$00 e com banca 14\$00. E todos sabemos que há dois anos a esta parte que transformação levaram os valores. Mas as entidades superiores não deixam alterar os preços praticados e no entanto deixaram alterar os preços de despesa que a Feira tem.

Mas o futuro da Feira vai sofrer uma transformação notável motivada pela implantação, nos dois primitivos quarteirões a ela destinados, da CASA DA JUSTIÇA DE ESPINHO! Este facto implica que a Feira passará a ser etectuada nos terrenos a sul da Rua 23. Requição significativa no espaço de venda que terá que ser compensado com mais terreno.

E agora que estamos em época de grandes transformações temos também que considerar a abertura da segunda faixa de rodagem da Avenida 24. Passou a ter-se em conta mais o perigo potencial que nos é dado pelos veículos desbarborados Da poeira que levantam e do barulho que fazem e dos atropelamentos que, concerteza, acabarão por fazer!

E deve ainda ser considerado o estacionamento anárquico, abusador e incontável de veículos de todas as espécies nas Ruas de Espinho à segunda-feira. Estes são parte dos contra que, friamente, consideramos.

QUE SE PASSA NO MERCADO SEMANAL?

Temos reparado com entusiasmo, no surto de progresso que na classe de vendedores se vem operando semana após semana, no nosso mercado semanal.

São as inúmeras variedades e quantidades, paralelamente com os preços fora da concorrência, que atraem e dão ensejo aos milhares de fregueses, de fazerem as necessárias economias, lutando desta forma contra a desenfreada carestia da vida.

Entretanto, surge algo nas últimas semanas, que desafina todo o belo conjunto, e para o qual, desde já, pretendemos chamar a boa atenção dos responsáveis pela edilidade local, a fim de que o assunto possa merecer a costumada boa atenção.

Trata-se da forma caótica e desordenada, como os vendedores expõem os seus artigos e os locais que a seu bel-prazer escolhem. Por exemplo: confecções e malhas, vendem-se junto aos sectores do peixe, dos legumes, da fruta, dos suínos, em cima dos passeios da via pública, dependurados em cordas suspensas nos postes da electricidade, em cima dos muros das escolas da rua 22, faltando apenas que os professores autorizem a vendê-las no próprio recreio.

A P. S. P., semanalmente, tem trabalho extenuante a reprimir os vendedores, mas nós atribuímos esse estado caótico, à carência de estruturas-base, que mobilizem os vendedores para o local exacto, sector em sector diferenciado. Que diabo, urbanizam-se os «quarteirões» para se prolongar convenientemente a feira e depois mantem-se tudo na mesma, estando um desses locais a servir de estacionamento para as viaturas dos feirantes quase na totalidade!!!

Desta forma, os vendedores atropelam-se. Os clientes terão infalivelmente de pisar os artigos, o que

provoca natural reacção dos prejudicados, mas que será uma consequência lógica do desleixo a que uns e outros estão votados. Ainda na última feira reparamos que até mapies

nos de possuir o maior, mais completo e ordenado mercado semanal. Outro assunto com este relacionado, é o problema dos estacionamentos na periferia da feira. É uma



Invariavelmente à segunda-feira um mar de gente ocupa a área de 35 000 m² destinada às vendas

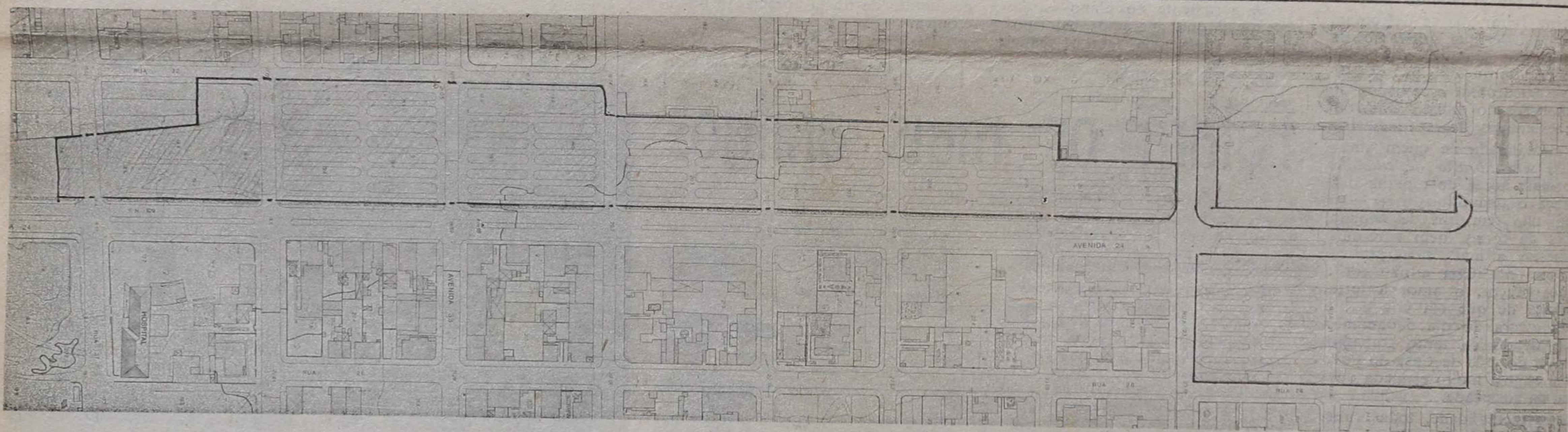
e máquinas de costura estavam expostas sobre um passeio da av. 24, ocupando-o quase na totalidade, tendo os transeuntes que descer para a via pública naquela movimentadíssima artéria, pondo em risco a sua integridade física.

Estenda-se a feira até à Praça de Toiros, pois há terrenos para isso, mas devidamente ordenada, com sectores deitridados uns dos outros, preferencialmente com letreiros indicativos nas respectivas entradas, para que o público se oriente com maior facilidade, e possamos orgulharmo-

autêntica calamidade. Cada qual pára onde lhe apetece e deseja, em cima dos passeios, defronte de garagens, enfim... nem os sinais proibitivos lhes comovem ou assustam.

É necessário colocar-se mais alguns, para evitar estacionamentos a par, nas ruas de tráfego mais intenso, que é o caso da rua 33 especialmente.

Depois... uns «papelitos» não serão despropositados para os prevaricadores e até um pronto-socorro à disposição para remover viaturas em transgressão, nos locais que estorvem. — Repórter Pestana



E FUTURAMENTE?

Da análise retrospectiva e actual, que, objectivamente apresentamos, só se nos afigura haver uma solução a encarar. Transferir a Feira para o terreno reservado no plano de urbanização (que tanto dinheiro custou e que com tanta alegria foi recebido, pois a sua falta era motivo para todas as desculpas) situado a sul da Rua 33 no Lugar de Sales.

Estamos convencidos que só aí, com um plano definitivo, projectado como será conveniente, se poderá resolver o assunto da Feira devidamente.

As necessidades de momento obrigaram a esender a Feira, gastando-se centenas de contos em terrenos que até são da C. P. Continua-se a gastar centenas de contos quando se torna premente tomar medidas adequadas e precisas se forem considerados os seguintes contras:

— A falta da área que vai ser ocupada pela Casa da Justiça que obrigará ao despêndio de grande verba para conseguir terreno para substituição;

— Ocupação a curto prazo do quarteirão a norte das escolas primárias e que vai ser ocupado com mais Escolas, Salão Paroquial e infra-estruturas desportivas;

— O trânsito intenso que se processa, especialmente, na segunda faixa de rodagem da Avenida 24, recentemente aberta, e nas verticais localizadas no recinto;

— Estacionamento de muitas centenas de veículos nas artérias vizinhas criando graves problemas de trânsito e estacionamento.

Definimos ainda que, para solucionar a esuzcida construção dum Central de Camionagem, seja estudada essa possibilidade em parte dos terrenos agora ocupados pela Feira, o que preencheria uma das mais graves lacunas do transporte rodoviário da Cidade, hoje intensíssimo.

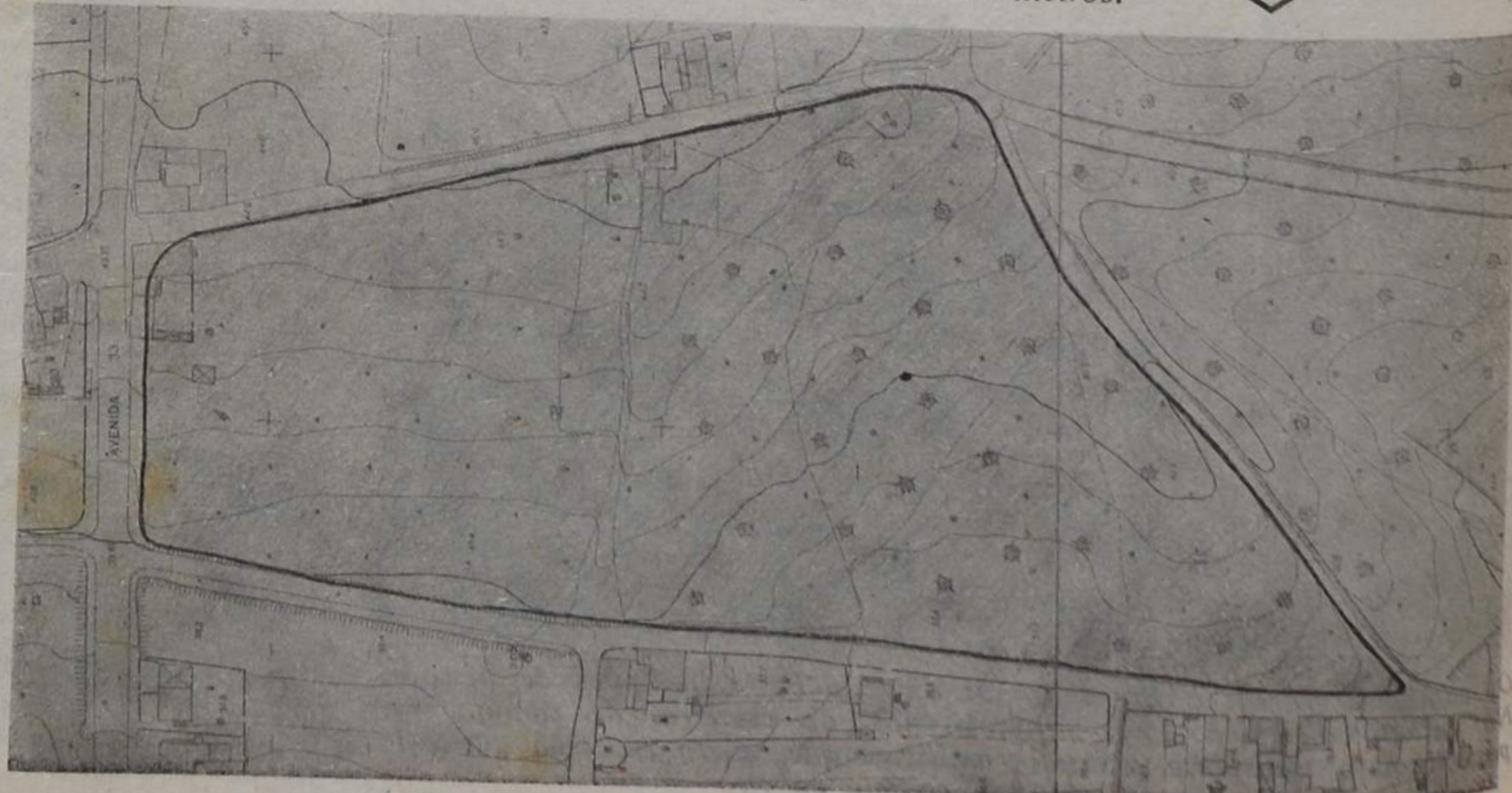
Não temos pejo em afirmar que qualquer remendo de emergência será para complicar mais a sua solução num futuro muito breve. Disso estamos seriamente convencidos.

J. J.



A feira actual ocupa uma área de 35 000 m² e distribuídos, praticamente, por 10 quarteirões em disposição corrida com 16 ruas (meia dúzia das quais de trânsito intenso) a entremear o recinto. A feira antiga (os dois quarteirões a direita em baixo) vai ser ocupada com a Casa da Justiça. Como a feira já está superlotada, onde se vão meter os vendedores aí instalados agora!

Esta é a área destinada, no Plano de Urbanização de triste memória, à Feira Nova. Com a área de cerca de 31 000 m², e com terrenos virgens a envolvê-la, presta-se, por todas as razões, a uma FEIRA que funcione modelarmente. E até porque a variante à E.N. n.º 109 irá passar a 200 metros.



à venda

VENDE-SE

Prédio na Rua 14-967-1.º andar e R/c alugado a comércio

Falar por favor ao Senhor Luís Silva, na Fábrica Progresso ou telef. 922150

ANDARES VENDEM-SE

PRONTOS A HABITAR NA ZONA RESIDENCIAL DE ESPINHO EM FRENTE AO PARQUE ANGULO DAS RUAS 20 E 23

Andares, de óptima construção, com 5 e 6 assoalhadas, com todas as comodidades, alcatifados, aquecimento, cozinha tipo italiana, extractores de fumo, renovadores de ar, com 2 elevadores, etc.

Contactar: excepto aos sábados SALÃO LORD — TELEF. 920234 — ESPINHO

advogados

AMADEU J. MORAIS

ADVOGADO

Escritório: Rua 20, N.º 412
Telef.: 920273

Às segundas, quintas e sextas, a partir das 17 h.

FERREIRA DE CAMPOS DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS

Advogados

Rua 11 n.º 877—Telef. 922210
ESPINHO

médicos

DR.ª EMÍLIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º
Telef. 921891 ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

CARLOS MATOS VIEGAS

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 364-1.º-Dto.
Telefone, 921024

J. PINTO VALENTE

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de Paris, doenças das senhoras, clínica geral

Avenida 8, n.º 238 — ESPINHO
Consultas a partir das 15 horas
Marcações pelo telefone, 920183

REINALDO DE ALMEIDA

Especialista pela Ordem dos Médicos

Clínica Dentária

Rua 16, N.º 545 — Espinho
Marcações pelo Telef. 922931

tratamentos

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário: das 9 às 12 e das 14 às 20 h.
Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329
Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

fabricantes

METALÚRGICA RECOR S.A.R.L.



Fabricante de banheiras de ferro fundido e esmaltado. Mobiliário metálico para quartos de banho, máquinas de furar e tornos de bancada.

TELEF.: 23155/6

ARRIFANA — FEIRA

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

— DE —

VITORINO LOPES DA CRUZ
Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

diversos

FOTO DIN

FAUSTO & LEONEL, LDA.

Reportagens — Estúdio — Fotografia Industrial

Rua 19, n.º 198-2.º — Telef. 922267 — Apartado 124 — ESPINHO

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

OLIFEX

Ferreira & Oliveira, Lda.

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

LUSOTUFO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

Auto Internacional

Peças e Acessórios para Automóveis

Av. 24 n.º 1001—Telef. 923028

ESPINHO

Joaquim Gomes Pereira

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores. Bobinagem de dínamos e motores. Testes eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
Residência — Telef. 964194

drogarias

Paula & C.ª, L.ª

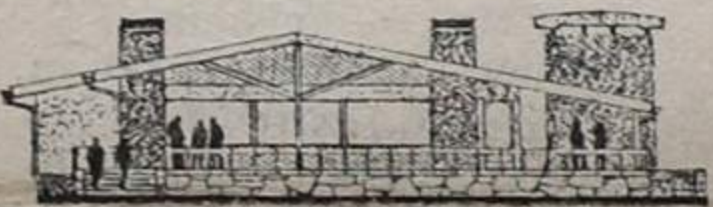
Materiais de EDIFICAÇÃO e DROGARIA — Mercadorias Agrícolas

RUA 19, N.º 450

TELEFONE, 920138

ESPINHO

hotelaria



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TELEFS. 921322-921966

CABANA — Sugere aos seus estimados clientes

SNACK-BAR — Pratos do dia económicos

2.ª Feira — Bacalhau à CABANA
4.ª Feira — Chispalhada c/ Feijão Vermelho à Transmontana
5.ª Feira — Frango de Caril à CABANA
6.ª Feira — Peixe à Portuguesa
SABADO — Papas de Sarrabulho c/ Rojões
DOMINGO — Pratos Especiais

TERÇA-FEIRA — DESCANSO DO PESSOAL
Preços especiais de OUTUBRO a MAIO
— Aos Domingos — Matiné Dançantes —

RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE

GIRASSOL

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO-PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones com baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE
TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS — BACALHAU E TRIPAS À MODA DO PORTO TODOS OS DIAS — AS 5.ª E DOMINGOS FEIJOADA À BRASILEIRA

SNACK BAR

S. PEDRO

Aberto toda a noite com cozinha permanente

PORTO

RESIDENCIAL 1.ª Classe

Telefones: 920294 - 920391 — Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

modas

CASA ANGÉLICA

Rua 19, n.º 209 — Telefone, 920236

MODAS — MALHAS — MIUDEZAS

Exclusivistas das malhas «SIDNEY»

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico que neste cartório e no livro B-45, de folhas 125 a 126 verso se encontra exalada uma escritura de Justificação Notarial, outorgada hoje, na qual **JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS MIGUEL JUNIOR**, solteiro, maior, residente em Espinho, Rua 41, 245, de onde natural, se declarou, com exclusão de outrem, dono e legítimo possuidor de uma casa, em Espinho, destinada a fábrica de moagem, composta de 2 corpos, sendo um com 3 pavimentos, destinado a fábrica e outro de um pavimento para escritório e armazém, a sul com dependência destinada a casa de máquinas, confinando do norte Rua 33, sul José dos Santos Pereira Diogo, nascente Rua 8, poente José Pereira de Oliveira, inscrita sob o artigo 2.302, de Espinho, com o valor, matricial e declarado, de 1.220.400\$00, descrita sob o número 748, a folhas 47, verso, do livro B-3, inscrita a favor de José Rodrigues dos Santos Miguel, casado, da Rua 41, de Espinho, pela inscrição número 1.077, a folhas 162 do livro G-3 da Conservatória de Espinho.

Mais certifico que o justificante alega na referida escritura que o prédio veio à sua posse no ano de 1940 por doação oral dos pais, por força da quota disponível.

Que desde que dele se apoderou o primeiro outorgante passou a comportar-se como se seu proprietário exclusivo fosse, dando-o de arrendamento, recebendo as respectivas rendas e utilizando em seu proveito o valor destas, pagando as contribuições a ele referentes, mandando fazer e pagando as benfeitorias e reparações de que tem precisado. E tal actuação, desenvolvida no seu exclusivo interesse, à vista e com o conhecimento de toda a gente, sem qualquer interrupção durante todo o tempo decorrido até hoje, não suscitou nunca a oposição de quem quer que fosse.

Por tal motivo, não obstante ele, justificante não dispôr de título formal da aquisição do direito de propriedade do prédio, — por isso mesmo está impossibilitado de comprovar o seu direito pelos meios normais — fundamenta o seu direito de propriedade na usucapião que expressamente invoca ao abrigo do disposto nos artigos 1.287 e seguintes do Código Civil.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

Espinho e Cartório Notarial, 27 de Maio de 1976 - Entrelinhei - em Espinho - Emendei - exarada - Risquei - primenro

Conta registada sob o n.º 3 312

O Notário,

Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro

«DE» n.º 2304 de 4-6-76

I. I. I. — Investimentos Industriais e Imobiliários, S. A. R. L.

SILVALDE — ESPINHO

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SENHORES ACCIONISTAS :

De acordo com a Lei e com os Estatutos vimos à vossa presença apresentar o Balanço e Contas relativos ao exercício de 1975. Como é do conhecimento geral, o ano de 1975 foi caracterizado por grave crise económica, decorrente da evolução político-social do país e ainda da conjuntura externa, pelo que o ambiente não foi favorável à realização dos objectivos da empresa, que, como a sua denominação indica, é a realização de investimentos industriais e imobiliários. Em consequência, não foram realizados investimentos, tendo entretanto, a exploração acusado um saldo positivo de Esc. 2.265.404\$61, que propomos seja levado a:

| | | |
|----------------------------------|---------------------------|--|
| Fundo de Reserva Legal | Esc. 114.404\$61 | |
| Reservas Facultativas | Esc. 2.151.000\$00 | |
| Total | Esc. 2.265.404\$61 | |

Para finalizar, cumpre-nos agradecer ao Exmo. Conselho Fiscal a colaboração que sempre nos tem prestado.

Silvalde - Espinho, 28 de Fevereiro de 1976.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel de Oliveira Violas — Presidente
Ana Gomes Soares Violas — Administradora
Eng.º Edgar Alves Ferreira — Administrador

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

ACTIVO

| | | |
|----------------------------------|-----------------------|----------------|
| CIRCULANTE | | |
| Disponível : | | |
| Caixa | 127.594\$50 | |
| Depósitos Bancários | 3.719.958\$20 | 3.847.552\$70 |
| Realizável e Permutável : | | |
| Inquilinos | 36.000\$00 | |
| Devedores e Credores | 29.295\$80 | 65.295\$80 |
| IMOBILIZADO | | |
| Imobilizações Gerais : | | |
| Prédios Urbanos | 69.579.449\$90 | |
| Prédios Mistos | 6.894.394\$20 | |
| Instalações Gerais | 130.651\$90 | |
| Outras Edificações | 483.677\$50 | |
| Móveis e Utensílios | 87.925\$90 | |
| Gastos Pluriennais | 943.763\$10 | |
| Outras Imobilizações | 457.590\$00 | 78.477.452\$50 |
| Total do Activo | 82.390.301\$00 | |

PASSIVO

| | | |
|-----------------------------------|----------------------|---------------|
| EXIGÍVEL | | |
| Devedores e Credores | | |
| | 556.849\$30 | 556.849\$30 |
| DE REGULARIZAÇÃO | | |
| Reintegrações e Provisões : | | |
| Reintegrações | 4.156.013\$60 | |
| Provisões | 1.000.000\$00 | 5.156.013\$60 |
| Total do Passivo | 5.712.862\$90 | |

INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS E OUTRAS APLICAÇÕES EM VALORES MOBILIÁRIOS EM 31-12-75

| DESIGNAÇÃO | Quantidade | Valor nominal | Preço médio de compra | Valor de Balanço | | Valor total de aquisição | Diferenças | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|------------------|-----------------------|------------------|--------------------|--------------------------|----------------------|-----------------------------|
| | | | | Unitário | Total | | Flutuação de valores | Perdas levadas a resultados |
| 1 — Participações Financeiras : | | | | | | | | |
| 1.2 — Acções | | | | | | | | |
| 1.2.1 — Acções da Tipografia Severo Freitas & Freitas (Filho), S.A.R.L. | 250 | 1.000\$00 | 1.000\$00 | 1.000\$00 | 250.000\$00 | 250.000\$00 | —\$ | —\$ |
| 1.2.2 — Acções da Solverde-Sociedade de Investimentos Turísticos da Costa Verde, S.A.R.L. | 200 | 1.000\$00 | 1.000\$00 | 1.000\$00 | 200.000\$00 | 200.000\$00 | —\$ | —\$ |
| 1.9 — Total Geral | 450 | 2.000\$00 | 2.000\$00 | 2.000\$00 | 450.000\$00 | 450.000\$00 | —\$ | —\$ |

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS :

De acordo com as disposições dos Estatutos e da Lei vimos apresentar o parecer do Conselho Fiscal relativo ao exercício de mil, novecentos e setenta e cinco. Como nos anos anteriores sempre o Conselho de Administração nos proporcionou a melhor colaboração na realização das nossas funções, tendo realizado o exame da contabilidade com a frequência estipulada pela Lei, e que sempre encontramos em ordem. No que respeita aos critérios valorimétricos utilizados, manifestamos a nossa concordância, já que são aqueles que a empresa sempre utilizou.

Silvalde - Espinho, 5 de Março de 1976.

O CONSELHO FISCAL

Dr. Rui José da Conceição Nunes
Dr. Augusto Lebeque Alves da Silva
Francisco João Gomes de Castro
Francisco Joaquim Pais

SITUAÇÃO LÍQUIDA

| | |
|----------------------------------|-----------------------|
| ANTERIOR | |
| Capital | 70.000.000\$00 |
| Reservas : | |
| Fundo de Reserva Legal | 233.033\$49 |
| Reservas Facultativas | 4.179.000\$00 |
| | 4.412.033\$49 |
| | 74.412.033\$49 |

ADQUIRIDA

| | |
|--------------------------------------|-----------------------|
| Lucros e Perdas : | |
| Lucro Líquido do Exercício | 2.265.404\$61 |
| | 76.677.438\$10 |
| | 82.390.301\$00 |

CONTAS DE ORDEM

| | |
|---------------------------------------------|--------------------|
| Contas de Ordem : | |
| Cauções Estatutárias | 150.000\$00 |
| Contas de Ordem : | |
| Credores por Cauções Estatutárias | 150.000\$00 |
| | 150.000\$00 |
| | 150.000\$00 |

I. I. I., 31/12/75

O TECNICO DE CONTAS

José Luís Rodrigues Augusto

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel de Oliveira Violas — Presidente
Ana Gomes Soares Violas — Administradora
Eng.º Edgar Alves Ferreira — Administrador

DESENVOLVIMENTO DA CONTA «LUCROS E PERDAS»

CUSTOS POR NATUREZA

| | Débito | Crédito |
|-----------------------------------------|-------------|-------------|
| Remunerações : | | |
| Órgãos Sociais | 420.000\$00 | |
| Pessoal | 223.484\$50 | 643.484\$50 |
| Encargos Sociais | | |
| Gastos Administrativos | | 46.765\$00 |
| Gastos Diversos de Exploração | | 539.700\$50 |
| Encargos Financeiros | | 622.633\$10 |
| Contribuições e Impostos | | 50\$00 |
| Amortizações | | 778.142\$30 |
| | | 661.669\$50 |

PROVEITOS POR NATUREZA

| | | |
|--------------------------------------|----------------------|----------------------|
| Rendimento de Propriedades | | 5.240.134\$00 |
| Resultados Financeiros | | 61.727\$80 |
| Resultados Ocasionais | | 255.987\$71 |
| Saldo | 3.292.444\$90 | 5.557.849\$51 |
| | 2.265.404\$61 | 5.557.849\$51 |

I. I. I., 31/12/75

O TECNICO DE CONTAS

José Luís Rodrigues Augusto

Terminamos este parecer propondo que os senhores accionistas aproveem o Balanço, Contas e Relatório do Conselho de Administração, acompanhando tal aprovação com um voto de louvor, que propomos seja extensivo a todos os colaboradores da Empresa.

Constituição da República Portuguesa

(Continuação do número anterior)

TÍTULO II

Direitos, liberdades e garantias

ARTIGO 25.º

(Direito à vida)

1. A vida humana é inviolável.
2. Em caso algum haverá pena de morte.

ARTIGO 26.º

(Direito à integridade pessoal)

1. A integridade moral e física dos cidadãos é inviolável.
2. Ninguém pode ser submetido a tortura, nem a tratos ou penas cruéis, degradantes ou desumanos.

ARTIGO 27.º

(Direito à liberdade e à segurança)

1. Todos têm direito à liberdade e à segurança.
2. Ninguém pode ser privado da liberdade a não ser em consequência de sentença judicial condenatória pela prática de acto punido por lei com pena de prisão ou de aplicação judicial de medida de segurança.
3. Exceptua-se deste princípio a privação da liberdade, pelo tempo e nas condições que a lei determinar, nos casos seguintes:

- a) Prisão preventiva em flagrante delicto ou por fortes indícios de prática de crime doloso a que corresponda pena maior;
- b) Prisão ou detenção de pessoa que tenha penetrado irregular-

mente no território nacional ou contra a qual esteja em curso processo de extradição ou expulsão.

4. Toda a pessoa privada da liberdade deve ser informada, no mais curto prazo, das razões da sua prisão ou detenção.

ARTIGO 28.º

(Prisão preventiva)

1. A prisão sem culpa formada será submetida, no prazo máximo de quarenta e oito horas, a decisão judicial de validação ou manutenção, devendo o juiz conhecer das causas da detenção e comunicá-las ao detido, interrogá-lo e dar-lhe oportunidade de defesa.
2. A prisão preventiva não se mantém sempre que possa ser substituída por caução ou por medida de liberdade provisória prevista na lei.
3. A decisão judicial que ordene ou mantenha uma medida de privação da liberdade deve ser logo comunicada a parente ou pessoa da confiança do detido.
4. A prisão preventiva, antes e depois da formação da culpa, está sujeita aos prazos estabelecidos na lei.

ARTIGO 29.º

(Aplicação da lei criminal)

1. Ninguém pode ser sentenciado criminalmente senão em virtude de lei anterior que declare punível a acção ou a omissão, nem sofrer medida de segurança privativa da liberdade cujos pressupostos não estejam fixados em lei anterior.
2. O disposto no número anterior não impede a punição, nos limites da lei interna, por acção ou omissão que no momento da sua prática seja considerada criminosa segundo os princípios gerais de direito internacional comumente reconhecidos.
3. Não podem ser aplicadas penas ou medidas de segurança privativas da liberdade que não estejam expressamente cominadas em lei anterior.
4. Ninguém pode sofrer pena ou medida de segurança privativa da liberdade mais grave do que as previstas no momento da conduta, aplicando-se retroactivamente as leis penais de conteúdo mais favorável ao arguido.
5. Ninguém pode ser julgado mais do que uma vez pela prática do mesmo crime.

ARTIGO 30.º

(Limites das penas e das medidas de segurança)

1. Não poderá haver penas ou medidas de segurança privativas da liberdade com carácter perpétuo, nem de duração ilimitada ou indefinida.
2. Em caso de perigosidade baseada em grave anomalia psíquica e na impossibilidade de terapêutica em meio aberto, poderão as medidas de segurança privativas da liberdade prorrogar-se sucessivamente enquanto tal estado se mantiver, mas sempre mediante decisão judicial.
3. As penas são insusceptíveis de transmissão.
4. Ninguém pode ser privado, por motivos políticos, da cidadania portuguesa, da capacidade civil ou do nome.

ARTIGO 31.º

(«Habeas corpus»)

1. Haverá *habeas corpus* contra o abuso de poder, por virtude de prisão ou detenção ilegal, a interpor perante o tribunal judicial ou militar, consoante os casos.
2. A providência de *habeas corpus* pode ser requerida pelo próprio ou por qualquer cidadão no gozo dos seus direitos políticos.
3. O juiz decidirá no prazo de oito dias o pedido de *habeas corpus* em audiência contraditória.

(Continua na 3.ª pág.)

COCABICHICES DE UM COCABICHINHOS

Um dos erros mais frequentes em que pouco se preocupa com falar-escrever correctamente é o de conjugar mal certos verbos compostos do verbo *ter*, para não citar outros casos.

Pessoas que, muito normal e acertadamente, dizem *eu tinha, nós tínhamos; eu tive, nós tivemos*; se têm de dizer, nos mesmos tempos, qualquer verbo composto de *ter*, asseiam logo.

«Pensando» que *manter, conter, reter*, por exemplo, são regulares como *comer, beber, encher*, caem numa falsa analogia e alargam a verbos irregulares uma regularidade que não lhes pertence. E aí temos a dizer horrores como: *eu mentia, eu contia, retia* (em vez de *mantinha, continha, retinha*.) ou: *manti conti reti* (em vez de *mantive, contive, retive*).

Tentei uma vez, há muitos anos, acautelar uma aluna minha (ela, por si só, constituía uma turma) contra esse calamitoso erro. E lá lhe fui conjugando; *eu contive, tu contiveste, ele conteve; entretive, entretiveste, entreteve; retive, retiveste, reteve; mantive, mantiveste, manteve*. Depois de abundante exemplificação, perguntei-lhe se tinha percebido.

— Percebi, sim — rouquejou ela, com aquela voz que até parecia que tinha caspa.

— Então, como percebeu, vai-me conjugar o pretérito perfeito simples do verbo *reaver*.

Esperava eu na minha cândida inocência, que ela se lembrasse de que, se o pretérito de *haver* é *houve, houvereste, houve* (quando significa *ter*, o de *reaver* seria *reouve, reouveste, reouve*).

Mas não! Imaginem que me saiu com «isto», articulado na sua voz roufenha, excelente para escrever à máquina:

— Eu reavinhei, tu reavinhaste, ele reavinhou...

Cometi nesse dia o meu primeiro crime de morte.

Felizmente que até agora ninguém descobriu o cadáver.

Cocabichinhos

ESPINHO E A COSTA VERDE

No número anterior do nosso jornal tivemos a ocasião de focar o problema da «ruga» da denominação de Costa Verde para Viana do Castelo, o que suscitou a concordância de muitos dos nossos leitores que se nos dirigiram, quer pessoalmente, quer por cartas chegadas à nossa redacção.

Vimos hoje, mais uma vez alertar os responsáveis do nosso turismo concelhio para o seguinte:

No número de 6 de Maio o semanário «Tempo», na sua secção «Turiscópio» e na nota «Animadores de zona», informava os seus leitores que agentes de turismo holandeses se queixavam da falta de campo de golfe na Costa Verde.

Ora, perante esta notícia, estamos em crer que os agentes holandeses se queriam referir à região de Viana do Castelo.

É lamentável que Espinho, que é a legítima Costa Verde, não tenha, como devia, por intermédio dos responsáveis pelo turismo local, desmentido imediatamente tal notícia, informando os milhares de leitores daquele semanário e não só, da existência, nesta cidade-praia de Espinho, rainha da Costa Verde, de um campo de golfe de 18 buracos e que é considerado o mais antigo e um dos melhores da Península.

Outra atitude tomou a direcção do Clube de Golfe de Miramar, que perante aquela notícia se apressou, como devia, a enviar áquele semanário lisboeta, uma carta a lembrar a existência daquele Clube de Golfe, «bem como o agrado que sempre tiveram em receber visitantes estrangeiros e que apesar de clube particular são praticados preços acessíveis aos visitantes estrangeiros aos quais se aplicam «green-fees» de 100\$00 nos dias úteis e 150\$00 nos fins de semana».

Claro que não deviam ser as direcções dos clubes a lembrar a sua existência, como acentua a local do «Tempo», mas que tal tarefa cabe «aos órgãos responsáveis pela promoção do turismo nacional que tem o dever de inventariar o equipamento disponível e divulgar o respectivo potencial de divertimentos estivais do nosso país».

Perante estas notícias, que vêm lesando os interesses turísticos de Espinho, vimos apelar para as entidades responsáveis a melhor atenção no sentido de darem a conhecer as nossas potencialidades neste sector e de se tomarem providências, sempre que tais notícias apareçam nos órgãos de comunicação social.

A. B.

LER, INTERPRETAR, SENTIR...

(Continuação da 1.ª pág.)

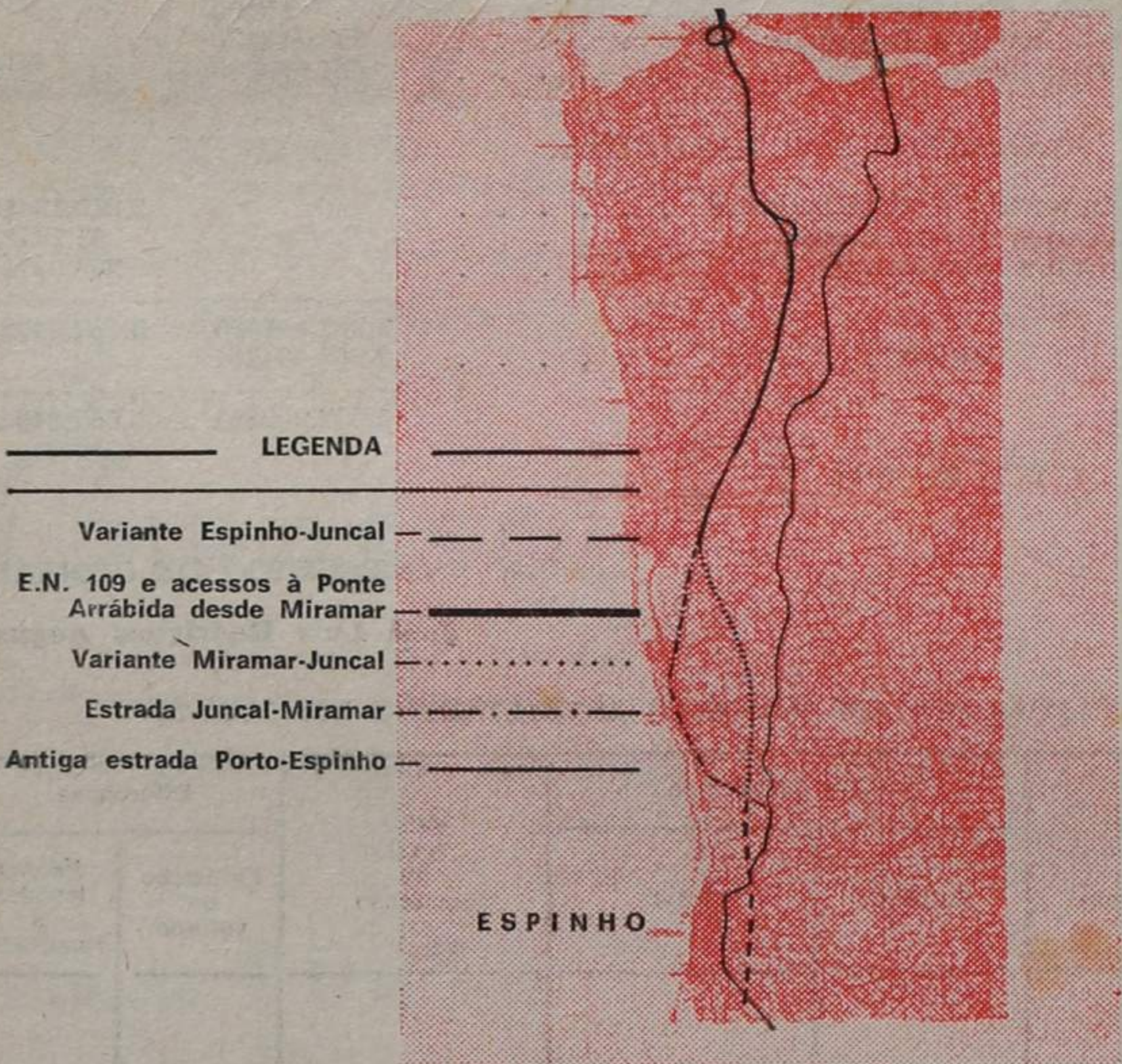
E porque se nos afigura que a ideia não foi apreendida com o interesse que merece, insistimos pela sua defesa.

Há 38 mil contos destinados pela Solverde, segundo o seu contrato da Concessão da Zona de Jogo de Espinho, a atribuir ao Estado, como contribuição para o pagamento da obra de prolongamento da variante da estrada 109 que vem da auto-estrada, parou em Miramar, e deve seguir daí até Aveiro.

No ano em curso é posta à disposição do Estado a verba de 18 mil contos para esse efeito.

A Espinho interessa que a obra, em vez de se fazer de Miramar para Espinho, se faça do sul de Espinho para o norte, ligando já o sul de Espinho à estrada que conduz da Granja ao Juncal. E interessa, mais, que se actue neste sentido com a maior urgência.

Deste modo, elimina-se a Ponte de Anta, a Taboça, o Juncal, e liga-se logo Espinho à Granja, com grande economia de tempo, valo-



rizando as saídas norte e sul de Espinho, criando terreno para construção, promovendo a urbanização e a edificação numa vastíssima zona. A solução só tem vantagens para Espinho e para as povoações que se situam a sul e, até, para a construção da obra global, que pode ser feita sem interrupção do trânsito pela estrada da Granja, pois enquanto se fizer a continuação da estrada da Granja a Miramar a circulação continua na estrada actual, até ao enfiumento para Espinho.

E não há com isto privilégio para Espinho ou atropelo de quaisquer outros interesses, porque o processo seguido para o alargamento da estrada 109 (Porto Aveiro) tem sido feito por troços, havendo neste momento em execução alargamentos dessa estrada a fazer-se em Cortegaça e em Válega, esses, sim, com inevitáveis transtornos para a circulação.

Que cada um leia, pense e actue no sentido de conceder à Câmara o seu apoio no sentido de que obtenha a consagração desta solução ou de outra que se lhe assemelhe, e teremos resolvido um velho e grave problema da nossa terra.

AMADEU MORAIS

Leia e assine a «DEFESA DE ESPINHO»

Comissão do Turismo

SEMANÁRIO AVENÇADO

ESPINHO